TEIXEIRA, Luzimar. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/03/aprendizagemedesenvolvimentointelectualnaidadeescolar.p df>, 2011. Acesso em: 27 out. 2013.

TERRA, Marcia Regina. **O desenvolvimento na teoria de Piaget**. Campinas: Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>, 2013. Acesso em: 27 out.2013.

Os Desafios da Educação Inclusiva nas Escolas Públicas

Daiane Machado Caetano Pelisser

RESUMO

Este artigo estuda os desafios da literatura infantil na Educação Inclusiva, que é parte integrante da educação e deve ser entendida como direito fundamental e essencial ao ser humano, especialmente quando se trata de alunos com necessidades educacionais especiais e de distúrbios de aprendizagem, preservando assim o direito de todos na educação. A inclusão torna-se uma grande benefício para alunos com ou sem deficiências, pois oferece uma vasta gama de modelos de papéis sociais e de aprendizagem, além da oportunidade explícita de colaboração, solidariedade, compreensão, tolerância e confiança de uns para com os outros, que prepara esses alunos para a vida adulta em uma sociedade diversificada, onde existem diferenças culturais, intelectuais ou orgânica, aproveitando a literatura como parte fundamental na vida da criança, pois quando manuseia tudo o que está à sua volta, através de seus esforços físicos e sem se sentir coagida pelo aluno, começará a ter sentimentos de liberdade e satisfação pelo que faz, dando valor e atenção às atividades que está vivenciando no momento. Ao ter contato com a literatura, a criança apresentará características de um ser livre, motivado pelas necessidades de realização pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva; Literatura; Prazer.

INTRODUÇÃO

Incluir alunos com deficiência na escola é, atualmente, um dos maiores desafios educacionais. Neste propósito é necessário que a escola crie oportunidades e também viabilize à comunidade escolar, mais especificamente para os professores, romper com as barreiras da sala de aula regular. Nesse processo de Inclusão educacional muitas barreiras já foram derrubadas. O fato de o aluno estar em sala de aula é a principal delas. Mas é importante ressaltar que estar na escola não significa que esse aluno foi incluído. Faz-se necessário que ele participe do processo educacional e que seja aceito por todos como alguém que, apesar das limitações, aprende.

Por isso, a participação desse aluno nas atividades escolares deve ser estimulada, oferecendo-se os recursos necessários para que ele se sinta capaz de dar respostas significativas. A preocupação com a aprendizagem desse "aluno especial" deve ser alvo de discussão, como a de qualquer outro aluno da escola, tendo em vista que a pessoa com deficiência estará, como os demais, aprendendo a desenvolver suas potencialidades. Em contrapartida, precisamos identificar o que mais tem sido impedimento para que esses "alunos especiais" adquiram os conhecimentos acadêmicos. Será que a escola é de fato inclusiva? O prédio possui acessibilidade? O currículo está adequado?

Ensinar está condizente com a necessidade apresentada? Essas são algumas barreiras físicas e espaciais, mas é importante pontuar que o grande impasse se encontra nas barreiras atitudinais. As barreiras que estão nas mentes das pessoas são as mais difíceis de derrubar. É nesse contexto que surge o projeto "A Informação é a Chave para a Inclusão",com o objetivo de quebrar, ou pelo menos amenizar, essas barreiras que se levantam, em sua maioria, pela desinformação. O processo de inclusão é um processo de aprendizado. Conviver com o "diferente" abre espaço para que as barreiras atitudinais sejam quebradas. A comunidade escolar (alunos, funcionários, professores, pais) se sente comprometida com o processo inclusivo e trabalham de forma integrada, desmistificando opiniões e colocando em prática os princípios que ora se encontram fossilizados.

É claro que ainda há um longo caminho a ser percorrido em prol da inclusão das pessoas com deficiência nas escolas, mas ao darmos o primeiro passo tudo se torna mais executável.

Os professores são peças fundamentais nesse processo de transformação; daí a necessidade de serem pesquisadores e executores daquilo em que acreditam. "Ensinar para transformar Vidas" precisa ser real na vida de uma escola que se propõe a ensinar princípios eternos. Em contrapartida, a educação é uma tarefa muito importante para ser executada só por professores. Todos devem fazer parte desse processo, desempenhando cada um o seu papel. Os pais devem se sentir parceiros nesse desafio, até por que os pais que têm filhos com necessidades especiais não recebem treinamento para serem pais especiais. Aprendem fazendo, pelo simples fato de precisarem fazer. Os demais pais da escola têm muito a aprender com eles. Olhar para o aluno e não para a deficiência é a receita mais eficiente; as demais barreiras vão sendo derrubadas com a disposição de fazer e a sensibilização por meio da informação. É esta a principal proposta deste projeto.

O objetivo deste artigo é abrir espaço para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados na escola, por professores, administradores, funcionários e alunos, para o exercício da verdadeira cidadania.

Como professores devemos lutar por uma escola inclusiva, rompendo barreiras já construídas em relação às pessoas com deficiência, garantindo igualdade de direitos para todos. E promover atividades junto aos professores, viabilizando a formação em serviço, assegurando-lhes a informação de que necessitam para trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais.

Outro objetivo desse artigo é possibilitar ao aluno o reconhecimento e a valorização da diversidade, vivenciando situações diferentes de construir conhecimentos e conviver com novas formas de comunicação.

As práticas educativas vêm sendo aprimoradas a cada dia, para que se possa acompanhar o desenvolvimento do aluno envolvido no processo de ensino e aprendizagem. Os fatores que influenciam nas mudanças das práticas já existentes são fatores sociais, culturais econômicos entre outros. Porém, os que mais são observados são os fatores sócio-culturais, pois é a partir da vivência dos alunos e do seu contexto social que poderemos elaborar atividades pedagógicas que venham ao encontro das necessidades e particularidades dos nossos alunos.

As mudanças e as adaptações das práticas educativas existentes são fundamentais para um bom desenvolvimento do trabalho, pois conhecer e tentar entender o mundo no qual o aluno está inserido é o primeiro passo a ser desenvolvido. Proporcionar atividades interessantes que motivam a curiosidade do aluno é essencial.

Portanto, são atividades concretas e bem fundamentadas que poderão guiar o professor a desenvolver as capacidades de seus alunos, a partir de uma nova perspectiva em relação ao aluno e a suas diferenças. Isso também fará com que ele venha a ter um melhor desenvolvimento, respeitando sempre suas características e especificidades e o seu tempo de aprendizado.

Com isso, podemos perceber a importância da ressignificação das práticas educativas para inclusão de todos. O professor deve manter-se em constante atualização para que possa acolher as diversas realidades que chegam à escola, podendo assim adaptar atividades e avaliações de acordo com as especificidades dos alunos.

A inclusão hoje está sendo tratada como assunto primordial na rede pública de ensino. Mas será que os professores estão tendo a formação necessária para atender a esse público seleto de alunos? A capacitação desse profissional é de suma importância para poder atuar efetivamente, desenvolvendo coerentemente seu trabalho em sala de aula, para que atinja os objetivos esperados.

1. LITERATURA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: O CAMINHAR DA LITERATURA INFANTIL ATÉ OS DIAS ATUAIS

Para que exista um tipo de literatura voltada para o público infantil, é preciso existir infância. A ideia de infância não foi sempre essa que conhecemos atualmente. Então, essa mudança de olhar para a criança será o marco para apresentarmos o surgimento da literatura infantil. Porém, antes disso já existia literatura.

No século XVII, a literatura folclórica criada pelo povo, acumulada até ali, foi se espalhando, atravessando fronteiras e oceanos e assim permaneceu viva ao longo da história. Muitos dos contos de Perrault, Grimm e Andersen são adaptações da literatura dessa época. Muito do que foi criado nesse século é chamado de Literatura Primordial, pois atravessou séculos através da tradição oral, sem registros.

> O poder de resistência dessa coisa, aparentemente tão frágil e precária que é a palavra, (literária ou não) prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significação para todos. (COELHO, 1991, p.13).

Esse tipo de literatura folclórica ainda é presente em nossos dias atuais, como na "literatura de cordel", no, Nordeste do Brasil.

Alguns estudiosos apontam que foi entre os séculos IX e X que a literatura começa a circular oralmente. No período medieval, com a força da religião, as histórias tinham características moralizantes. Herdamos dessa época algumas fábulas, que foram se modificando com o passar do tempo. A história da Raposa e a Uva, por exemplo, já era contada na Idade Média.

Com a chegada dos tempos modernos, no século XVI, mudanças significativas acontecem na vida cultural e intelectual. A invenção da imprensa e a descoberta da gravura possibilita grandes avanços nas ciências e na arte. O aparecimento da Bíblia de Gutenberg, em 1456, marca a invenção do livro.

Apesar dessa grande evolução, na literatura popular, durante todo o século XVI, continuam circulando as criações literárias da Idade Média, sem novas invenções. Em Portugal, na mesma época em que o Brasil é descoberto, fica muito evidente o distanciamento entre a literatura oferecida para o povo e para a corte. Os filhos dos nobres eram educados em latim e tinham acesso às novelas de cavalaria, aparecidos na Idade Média.

É a partir do século XVII que escritores cultos resgatam os personagens dos contos acumulados na era medieval (cavaleiros, reis, rainhas, fadas, bruxas, etc.) e iniciam a criação e adaptação que resultam na Literatura Infantil tradicional que hoje conhecemos, como, por exemplo, as fábulas de La Fontaine.

> A Jean La Fontaine (1621- 1692) coube o mérito de dar a forma definitiva, na literatura ocidental, a uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste dos tempos: a fábula. Embora escrevendo para adultos, La Fontaine (ou melhor, suas fábulas) tem sido leitura obrigatória das crianças de todo mundo. A despeito das acusações e recusas que elas têm recebido, através dos séculos, e das muitas transformações sofridas, as fábulas continuam vivas, sendo para adultos e para crianças. Seria o talento do escritor? O encanto da fábula? Ou a força da tradição? Difícil decidir... (COELHO, 1991, p. 80)

Cabe ressaltar que essas fábulas foram criadas para o público adulto, pois ainda estamos falando de uma época em que a noção de infância não existia. Na mesma linha e na mesma época, os contos de Charles Perrault se eternizam e encantam o público infantil, apesar de terem sido criados em uma época que ainda não se falava em Literatura Infantil. "O Pequeno Polegar", "Chapeuzinho Vermelho" e "A Bela Adormecida", por exemplo, fazem parte da vida das crianças.

No século XVIII, inicia-se uma caminhada para a "descoberta" da criança como um ser que possui características próprias. Talvez pelo começo desse novo olhar, surgem as primeiras manifestações em relação às mudanças dos, segundo COELHO, "ultrapassados processos educativos" (1991, p.125).

Durante o século XIX ocorreram vários acontecimentos importantes. É nesse período que a criança começa a ser olhada pelos adultos. Inicialmente, ela é vista como um adulto em miniatura e a intenção é que essa fase passe o mais rápido possível para que alcance o estado adulto.

> Nos rastros dessa descoberta da criança, surge também a preocupação com a literatura que lhe serviria para leitura, isto é, para sua informação sobre os mais diferentes conhecimentos e para a formação de sua mente e personalidade (segundo os objetivos pedagógicos do momento). (COELHO, 1991, p.139)

É a partir daí que a literatura começa a tomar formas para o público infantil e os grandes marcos no fim do século são as criações dos Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, presentes com força ainda no mundo infantil atual. A priori, esses autores escreveram suas histórias para o público adulto, mas foram fazendo adaptações e encantaram as crianças. Grande parte das histórias infantis dessa época eram carregadas de pontos moralizantes e os textos bastante infantilizados.

No Brasil, ainda na primeira metade do século XIX, as coisas começam a melhorar em relação ao seu progresso econômico, independência política e conquista da cultura. Em relação à educação, a situação ainda era precária, pois o ensino jesuíta não tinha sido substituído por nenhum outro. Porém, a preocupação nessa área era grande e, na metade do século, graças às reformas no sistema escolar nacional. algumas transformações se concretizam e isso impulsiona a produção literária para crianças e jovens. Inicia-se uma consciência de que é preciso produzir uma literatura própria, brasileira. Segundo COELHO, "essa experiência literária vai-se dar, inicialmente, no âmbito do ensino escolar. Literatura e Pedagogia desenvolvem-se fortemente unidas. A época era de transformações aceleradas" (1991 p.205). Como exemplo de que literatura e pedagogia caminhavam juntas, as publicações infantis lançadas na época eram livros de leituras escolares, que tinham a finalidade de alfabetizar, auxiliando as cartilhas (ainda em folhas manuscritas). Essas histórias eram carregadas de valores ideológicos. Era comum encontrar nas leituras moralismo e religiosidade, valorização do estudo e do livro e preocupação com a língua portuguesa falada no Brasil. Muitas foram às tentativas de se fazer literatura infantil com sucesso, mas o grande marco estava por vim, com Monteiro Lobato[1], no século XX.

> A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o nosso século exigia. (COELHO, 1991, p.225)

Por volta de 1916, Lobato já demonstrava seu descontentamento com os livros de leitura, que era a Literatura Infantil oferecida na época. No ano de 1920, pela sua própria editora, Lobato lança A menina do Narizinho Arrebitado, que foi um grande sucesso. A explicação para esse sucesso é simples: as crianças se identificavam com as situações narradas, que misturavam o real com o imaginário. A grande prova de como deu certo esse ingrediente usado por Lobato é a tradução de suas obras para o Exterior. O Sítio do Pica-pau Amarelo, que teve início na TV Tupi São Paulo em 1952, rompeu as fronteiras do país.

Além das aventuras do sítio, Monteiro Lobato adaptou obras já conhecidas, como fez, por exemplo, em O irmão de Pinóquio (1927). Por esse trabalho em traduzir e adaptar livros, tornou possível o conhecimento de várias obras aos leitores brasileiros.

Porém, foi também muito criticado ao mostrar, em suas histórias, algumas verdades que não deveriam ser ditas para as crianças. Lobato tinha intenções muito diferentes daqueles que escreviam Literatura Infantil com a finalidade de moralizar, catequizar. Mesmo com a negação do autor, os críticos da "era getuliana" diziam que essa sua liberdade criativa fazia parte de sua postura comunista.

Em suas obras infantis e mesmo nas traduções, Lobato queria retirar os aspectos pesados e "chatos". Carregava as histórias de divertimento e artifícios que criavam uma grande identificação no público infantil. Nesse trecho escrito por

Tatiana Belinky[2], uma escritora muito entendida sobre Monteiro Lobato, que conviveu e participou de seus sucessos, está o retrato dessas características: no sítio do Picapau-Amarelo Lobato criou uma constelação familiar sui generis, a única talvez na qual seria possível, sem parecer forçado, aquele relacionamento ideal, livre das naturais tensões que existem na família normal. As crianças, Narizinho e Pedrinho, não são irmãos, mas primos, não vivem na mesma casa, e o seu encontro no Sítio não é uma rotina, mas uma festa permanente. Os adultos não pressionam nem atrapalham, porque a autoridade no Sítio não é pai nem mãe, e sim avó. E as relações entre avós e netos são afetuosas e descontraídas.

Especialmente, no caso de uma avó como Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, inteligente e culta, enérgica e compreensiva, sensata e carinhosa, realista, mas capaz de topar as mais fantásticas brincadeiras. Lobato teve a habilidade de eliminar de suas histórias o elemento perturbador que seriam os pais, com as ansiedades, atritos e problemas emocionais que assolam normalmente até as melhores relações entre pais e filhos. Pedrinho e Narizinho não são órfãos, eles têm pais que devem ser ótimos, mas são invisíveis, não estão no Sítio. No Sítio, os adultos que existem podem ser curtidos e amados sem maiores complicações: Tia Nastácia tem uma ascendência sem mandonismo, proveniente de afeição mútua e aceita com naturalidade.

> Dona Benta é a autoridade máxima. Tácita e livremente aceita, com amor e respeito, sem qualquer receio ou tensão. No Visconde de Sabugosa, "gente grande", mas boneco, pode ser descarregada, sem prejuízo da consideração devida à sua sapiência sabugal, a crítica ao adulto pomposo e professoral. E Emília, em que pese toda sua brilhante personalidade lobatiana, por ser boneca e não gente pode demonstrar e fazer desfilar impunemente todos os "pecados" infantis: a malcriação, o natural egoísmo de criança, a rebeldia, a birra, a teimosia, a esperteza marota e interesseira e até uma certa maldade ingênua – tudo imediatamente esquecido, sem maiores conseqüências nem sentimentos de culpa. (BELINKY apud COELHO, 1991, p. 234).

Assim, Lobato abria os caminhos para a Literatura Infantil brasileira. Na década de 20 inicia-se uma fase de preocupação com a educação brasileira que resulta em diversas reformas. Nos anos de 30 a rede escolar se expande, juntamente com a Literatura Infantil. Nessa fase os livros eram carregados de intencionalidade pedagógica. Atualmente, ainda temos muita literatura com essa característica (veremos mais sobre esse aspecto nos próximos capítulos), A qualidade das obras era medida através da quantidade de ensinamentos que estas traziam para as crianças.

Nessa mesma época surgem algumas revistinhas infantis como "O Tico-Tico", dando início ao sucesso e valorização das imagens e na década de 40 a Literatura em quadrinhos passa a se expandir com seus super-heróis. Os quadrinhos deixam de trazer somente humor para entrar no mundo da violência e heroísmo.

2. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E UM BREVE OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

Dentro das diversas reformas, o ensino primário passa a ser visto como o responsável por formar cidadãos íntegros que contribuirão com a sociedade. As escolas afastam as histórias "mentirosas" do alcance das crianças. Os contos de fadas e os personagens imaginários ficam fora da infância da época. Pelo menos, essa era a intenção da educação. Dentro dessa perspectiva, os livros de Lobato também passam a ser proibidos nos espaços educativos. Para atender as intenções pedagógicas surgem os livros documentários, carregados de informações e histórias do realismo cotidiano (a criança e a escola, a criança no lar, etc.). Esses livros possuem uma linguagem infantilizada.

Na década de 50, graças ao começo da era televisiva a literatura entra em crise. Para disputar com a Tv, os livros destinados ao público infantil passam a ser divulgados como entretenimento, não apenas como um instrumento escolar, como eram. Para rechear a literatura como diversão, ainda nessa década, é introduzida no Brasil a revista em quadrinhos do Pato Donald. Algumas críticas vindas da área da educação são disparadas em relação aos quadrinhos. O argumento usado era que os textos pequenos contribuem para a "preguiça" de ler. Desse modo, as revistinhas não foram adotadas pelas escolas, que continuaram investindo nos livros cheios de ensinamentos e transmissão de valores.

Nos anos 60, alguns críticos chegaram a dizer que o livro estava com seus dias contados, pois seria substituído por gravações e videoteipes. O destaque da época fica por conta das criações na Música Popular Brasileira. Na área da educação, é nessa década que finalmente se votou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 4.204, de 20/12/1961).

Essa primeira versão da LDB tinha como grande objeti-

vo a democratização do ensino e ampliou a escolaridade obrigatória para oito anos. Nos currículos propostos pela lei foi possível encontrar uma grande preocupação com a leitura das crianças. Com isso, inicia-se uma crescente demanda de livros literários. Para atender os objetivos da LDB de ensinar através da literatura, as editoras incluem nas páginas de seus livros fichas de atividades e roteiros de leitura, existentes ainda hoje em alguns livros.

Em 1970 a Literatura Infantil brasileira melhorou muito:

> É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. (Que diga o boom da literatura infantil, entre nós, a partir dos anos 70). E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a literatura permite. (COELHO, 2000. p. 15)

A autora Lygia Bojunga Nunes recebe o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra, estreando essa premiação no Brasil. Esse avanço na literatura é decorrente das mudanças nas características dos textos: produções inovadoras, experimentalismo com a linguagem e histórias inquietas e questionadoras. As ilustrações, em alta, também se aperfeiçoaram. O ponto marcante a partir dessa década é a criatividade.

Esse breve panorama histórico da Literatura Infantil nos possibilita uma reflexão sobre como as características da literatura sempre estiveram ligadas ao momento histórico. Em cada fase que podemos resgatar, as criações literárias eram feitas de acordo com a realidade e necessidade das pessoas que viviam em uma determinada época. Atualmente não é diferente.

Para iniciar esse olhar em direção da literatura atual é importante citar a polêmica existente em relação ao termo "Literatura Infantil". Alguns autores criticam essa denominação, pois consideram que a boa literatura é aquela não direcionada para um único grupo de pessoas. É claro que muitas criações são realizadas com o objetivo de atingir as crianças, mas não precisam ser infantilizadas. Além disso, os livros "infantis" podem ser fonte de prazer quando lidos pelos adultos.

> Evidentemente, tudo é uma literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera especialmente do âmbito infantil. São as crianças na verdade que o delimitam com sua preferência. Costuma-se classificar Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma literatura infantil "a priori", mas "a posteriori". (MEIRELES apud GÓES, 1991, p. 5)

Concluímos assim, que o termo é usado para apontar aqueles livros que são "consumidos" em maior parte pelo público infantil, sem que exista a infantilização e pobreza textual, pois a Literatura é sempre uma arte e deve fazer por merecer esse reconhecimento, independente do público que deseja atingir. A Literatura Infantil tem como objetivo proporcionar o prazer para as crianças através de histórias e temas que estejam próximos de sua realidade.

Porém, muitos outros pontos são mais relevantes e merecem mais polêmicas, tratando-se de literatura infantil. Para iniciarmos algumas dessas discussões, vamos olhar para os principais tipos de livros destinados às crianças, lembrando que essa não é uma classificação fechada, e sim uma forma de apresentar características de grande parte dos livros existentes atualmente:

Literatura realista: Nessa categoria, estão a histórias que retratam a realidade, com o objetivo de testemunhar o mundo cotidiano, concreto. Algumas obras com essa característica realista informam as crianças sobre diferentes assuntos. Estamos vendo crescer o número de livros que trabalham com temas difíceis de serem discutidos com o público infantil e que trazem através de uma história a preparação para alguns enfrentamentos como a morte, separação dos pais, inclusão de crianças deficientes, etc. Ex: Rodas, pra que te quero! (Ângela Carneiro e Marcela Cálamo), Menina Nina (Ziraldo).

Literatura fantasista: Traz em suas páginas o mundo maravilhoso da imaginação, como nos contos de fadas, nas fábulas e mitos. "Tanto o mito como os contos de fadas falam-nos na linguagem de símbolos, representando conteúdos inconscientes" (GÓES, 1991, p. 105) Ex: Chapeuzinho Vermelho (Perrault), A gata borralheira (Irmãos Grimm), A lebre e a tartaruga (Esopo), etc.

Literatura híbrida: São as histórias que mesclam o real e o imaginário, anulando os limites entre um e outro. Ex: Reinações de Narizinho (Monteiro Lobato), Agora não Bernardo (David Mckee).

Dentro dessa "divisão geral", estão muitos outros ramos que levam a outros estilos de livros infantis que podem ser em prosa ou poesia, os contos de acumulação e repetição (Ex: O caso do bolinho, Tatiana Belinky), histórias com predominância de elementos cômicos (Ex: História Meio ao Contrário, Ana Maria Machado), etc. Vale levar em conta também a maneira de cada autor escrever, com características próprias, ampliando os tipos de leitura que podemos oferecer às nossas crianças. Com esse grande leque e acervo que possuímos, é muito importante possibilitar a livre escolha da criança para que conheça grandes variedades e identifique suas preferências.

Além desses diferentes gêneros e estilos literários, atualmente encontramos no mercado um grande número de livros sonoros, os chamados "pop-up", cheios de dobraduras e surpresas e aqueles que trazem diferentes acessórios em suas páginas, etc. A crítica literária, bastante presente nas últimas décadas, volta seu olhar para esse material.

> Nota-se uma nova preocupação com o valor. Embora, não mais com o sentido absoluto de corresponder a um modelo, como acontecia com a leitura tradicional. Isto é, não se trata mais de julgar o mérito de uma obra em relação a parâmetros ou modelos considerados ideais, mas de descrever e interpretar a matéria literária (no caso da literatura infantil, também a matéria imagística, que é fundamental), em sua organicidade estrutural, adequação temática, natureza da linguagem usada, etc., tendo em vista o contexto temporal e cultura. (COELHO, 2000, p.60)

Acerca desses livros, surge uma polêmica: esse tipos de materiais que tanto encantam as crianças podem ser chamados de livros ou são brinquedos? Existe o termo 'livro brinquedo" para definir esse material tão presente nas prateleiras das livrarias. Alguns autores acham válido esse tipo de literatura, pois leva a criança a ter mais interesse pelos livros. Segundo Pina, "vendo-se e propondo-se o livro como brinquedo, é possível vencer quaisquer barreiras opositivas, pois a própria proposta construirá uma familiaridade entre o impresso e a criança, a qual poderá predispor positivamente os pequenos para a leitura" (p.89). Do lado de quem defende, dentro das justificativas, há quem defenda que para competir com a televisão e os games eletrônicos o livro precisa ser o mais lúdico possível, mesmo que para isso vire um brinquedo. "Em outras palavras, é ressignificar, no livro, elementos gráficos, imagéticos ou táteis na intenção de seduzir o leitor, transformando a leitura em uma gostosa brincadeira!" (ORNELAS). Por um lado, é levantada uma outra questão: os livros brinquedos podem ser considerados como literatura? Riscado deixa uma certa dúvida nessa questão:

O que é facto é que grande parte dessa produção não pode, de forma alguma, inserir-se na literatura. De entre uma considerável em termos de quantidade, imperam os livros comerciais com ilustrações que chegam pela exuberância das formas, das linhas e das cores, em suma, pelo exagero e falta de qualidade estética, quanto aos textos, eles são por vezes, de uma pobreza constrangedora no que diz respeito a fabulação, com recurso frequente a moralidades desadequadas e passadistas e, quanto à linguagem utilizada, revelam uma enorme infantilização. (RISCADO, p. 2)

A crítica literária aponta os "livros brinquedos", em sua maioria, como inadequados sendo literatura, por possuírem um texto pobre e infantilizado. "Infantilizar" as crianças não cria cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática" (OLIVEIRA). Infelizmente, muitos desses "livros brinquedos" deixam a desejar no quesito história e texto infantil. Mas apesar disso, são sim considerados literatura infantil e são bastante chamativos e queridos pelas crianças. Ele pode sim ser bastante explorado pelo mundo infantil. Porém, a preocupação surge quando esse tipo de material é o único oferecido como fonte de leitura.

Acompanhando estudos e observando as crianças em escolas de educação infantil, conclui-se que diferentes faixas etárias apresentam maior interesse por alguns aspectos dos livros infantis. Porém, não é necessário, e nem recomendável, se prender a um único tipo de livro, pois a criança precisa ter o contato com grande acervo, diferentes gêneros e estilos seja qual for sua idade. Veremos algumas das preferências de cada faixa etária:

0 - 2 anos: Nessa fase, quanto mais chamativo o livro e suas imagens, mais a criança se encanta. As histórias curtas acompanhadas de grandes imagens são as ideais. Os "livros brinquedo", de pano, que acompanham fantoches estão como indicados para a inserção da literatura na vida dos pequenos. Vale lembrar que os textos não devem ser infantilizados, cheios de diminutivos, pois, além de menosprezar o entendimento da criança, isso atrapalha no desenvolvimento de sua oralidade.

– 3 anos: O forte ainda são as imagens, mas as crianças se atentam mais e demonstram interesse pela história. De preferência, textos curtos. É nessa fase que os contos de acumulação e repetição fazem mais sucesso, pois a criança sente-se segura em conhecer parte do texto que vem a seguir e ao mesmo tempo fica cheia de curiosidade para conhecer o novo elemento/personagem. Por se interessarem por animais, atribuem grande valor aos livros que os trazem como personagens.

- 6 anos: Por sentir-se mais próxima da história, a criança nessa fase gosta de ouvir histórias que tragam elementos que se aproximem de suas vivências. As imagens do livro podem trazer elementos implícitos, pois a criança se atentar mais aos detalhes. Essa é a idade do "conte outra vez", pois a criança gosta de ouvir a mesma história várias vezes. Os contos de fadas, sucesso em todas as idades, são os preferidos durante esses anos da infância.

6 – 8 anos: Quando a criança começa a navegar no mundo da escrita e das palavras. As poesias fazem bastante sucesso por brincarem com as palavras e as rimas. Os textos podem ser maiores, pois a criança consegue se prender mais tempo a história.

Conhecer sobre o desenvolvimento infantil e as características mais marcantes de cada idade é essencial para os adultos que são os responsáveis, de alguma maneira, pela escolha dos livros que serão oferecidos para as crianças.

Se pensarmos nos critérios de seleção do acervo de livros para os mais novos deparamos, às vezes, com uma quase total ausência de critérios, sendo os livros escolhidos mais em função das capas e dos títulos do que propriamente dos conteúdos; e aqui podem entrar ainda em linha de conta fatores economicistas que em nada contribuem para melhorar o estado de coisas. (RISCADO, p.2)

Possibilitando o contato das crianças com bons e diversos livros, contribuiremos para a formação de futuros leitores que apreciam o ato de ler e que o fazem por prazer. Mas, infelizmente, nem sempre as escolas de educação infantil introduzem a literatura de maneira prazerosa na vida das crianças. Para iniciarmos a análise de situações reais e para uma crítica com fundamentos, precisamos olhar um pouco para a educação infantil atual e os profissionais que nela estão inseridos. Para isso, usaremos como base o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos. (RCNEI, p. 11)

Dessa maneira, a educação infantil vem crescendo cada vez mais. O censo da educação básica de 2009 mostra que há 1,2 milhão de crianças matriculadas em creches. Em 2000, esse número era de 652 mil. Com esse crescimento, espera-se cada vez mais profissionais qualificados e um olhar diferenciado para a infância. Realmente, percebo que muito têm sido feito para isso: as faculdades mostram-se mais preocupadas incluindo novas disciplinas em seus cursos na área da educação e as escolas pensam mais na formação continuada oferecendo palestras e outros meios de promoverem o desenvolvimento de seus profissionais.

No início, quando a educação infantil começou a ser oferecida, ela era extremamente assistencialista. A única função das escolas era cuidar, sem refletir sobre o desenvolvimento da criança por inteiro, levando em conta seus aspectos físicos, sociais, cognitivos e afetivos. Isso vai mudando simultaneamente a nova concepção de infância que vai se construindo na sociedade.

Primeiramente, não é correto pensar a infância como única para todas as crianças. Dentro de cada sociedade, cada família, a criança vive a infância que lhe é oferecida pela organização em que está inserida.

> As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos.(RCNEI, p. 21)

Esse trecho do Referencial mostra muito bem o quanto conquistamos em relação ao olhar voltado para a criança, porém, nem sempre as práticas, seja na escola com os professores, ou em casa com os pais, estão de acordo com essa visão.

As instituições de Educação Infantil devem incorporar de maneira integrada as funções de cuidar e educar, visando a socialização e desenvolvimento das crianças, por meio de atividades diversificadas e prazerosas. Para isso, é essencial o papel do professor, principal mediador entre criança e conhecimento. Usando sua competência polivalente, o professor de educação infantil deve criar situações para que a criança entre em contato com as diversas possibilidades de desenvolvimento.

Para não fugir do foco deste trabalho, em relação à literatura infantil não é diferente. É o professor que faz a mediação entre criança e literatura. A maneira como essa mediação é feita traz reflexões diretas para o sentimento da criança diante de um livro. Assim, apesar da discussão em evidência na educação ser a mesma para todos, mesmo com esse diferente olhar para a infância ser discutido e divulgado, cada professor possui uma história de vida, carregada de resquícios da educação que recebeu, que interferem em sua maneira de agir diante da educação infantil.

> O difícil, o delicado, é resgatar dentro de cada educador sua criança escondida, suas histórias, como aprenderam a ler e escrever e como hoje ensinam. Pois só assim, juntamente, com a reflexão, o estudo da prática e da teoria, poderão tomar consciência de quem foram seus modelos e que modelos são hoje, apropriando-se de sua autoria, seus desejos e sonhos. (FREIRE, 2007, p.6)

Por meio de um estudo de caso e com o apoio de referências teóricas, refletiremos sobre a literatura infantil no contexto da sala de aula.

3. CONCLUSÃO

Após o surgimento da ideia de infância é que tem início a preocupação com uma literatura diferenciada para esse público. O caminhar da literatura infantil sempre esteve de acordo com o contexto histórico e o que se esperava das crianças. No interior da escola não era diferente. A literatura sempre foi utilizada de acordo com a concepção de educação em prática: dentro da educação tradicional em que o professor, detentor do saber, transmite

o conhecimento para alunos submissos, as histórias tinham a finalidade de moralizar e instruir. E assim, por muito tempo, caminharam juntas educação e literatura.

Muitas reformas educacionais, mudanças, reflexões... A educação mostra uma nova cara. Existe então uma preocupação com a formação de um sujeito ativo, a noção de que o conhecimento é construído, o respeito ao tempo de cada um. A literatura também muda, pois quer atingir esse público, crianças pensantes, ativas. Atualmente, as livrarias destinam muitas prateleiras aos livros infantis. São diversos gêneros, literatura brasileira de qualidade, traduções e adaptações de grandes obras. Um passaporte para o mundo encantado dos livros. A escola é um lugar privilegiado para colocar a criança em contato com esse acervo tão rico. As pesquisas e estudos que mostram o quanto a literatura é importante para os pequenos estão acessíveis, muitas vezes em murais ou mesmo na mesa dos professores.

Porém, é possível ver na prática que o contato das crianças com os livros em muitas escolas é restrito, pobre, sem encantamento. Dessa maneira, os professores não contribuem para que a criança se atrai pelos livros. Garantir esse contato cheio de desejo e curiosidade na educação infantil é uma forma de contribuir para a formação de futuros leitores. Assim, não será necessário no ensino fundamental que os professores façam ameaças ou usem as notas para conseguir que seus alunos leiam. Muitos professores, ao resgatarem suas lembranças da época em que eram estudantes sentem a angústia das leituras obrigatórias na escola e, para a maioria, esse foi o primeiro contato com a literatura. Esse motivo deveria impulsionar os professores a terem uma postura diferente daqueles docentes que lhes deixaram lembranças amargas, ruins. Porém, não é o que acontece sempre. Por não terem sido estimulados a apreciar a literatura em suas vidas, é grande o número de professores que não possuem o hábito de ler e não se sentem atraídos pelos livros.

Para mudar essa situação é necessário, antes de mais nada, que a gestão das escolas incentivem a leitura de todos que estão inseridos nela, pois nunca é tarde para se envolver por uma história e perceber o quanto uma leitura pode nos fazer bem. Dessa maneira, os professores se envolverem mais no trabalho com a literatura, podendo transparecer empolgação e tornando suas leituras convidativas. Não podemos privar as nossas crianças de algo tão prazeroso quanto à leitura. Nós educadores temos a possibilidade de abrir as portas da literatura para nossos alunos, contribuindo, dessa maneira, com a formação de futuros jovens e adultos apaixonados pelos livros.

E ainda, o primeiro passo para a escola ser também inclusiva é o reconhecimento e a aceitação das diferenças individuais, pois as necessidades educativas especiais pressupõe outras estratégias de ensino-aprendizagem que não as usadas rotineiramente com a maioria dos alunos.

Segundo a UNESCO (1994, p. 61, apud Revista Integração):

> O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos por meio de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, o uso de recursos e parcerias com a comunidade.

A escola inclusiva se adapta para que todas as crianças, deficientes ou não, tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem. Incluir é respeitar e aceitar as individualidades, as diferenças de cada um e aprender com elas. Porém, aceitar e respeitar não são suficientes. É necessário criar condições para que a inclusão aconteça para todos. Dentro desse processo existem inúmeras formas de trabalho junto aos alunos especiais. A proposta desta pesquisa foi buscar na literatura a estimulação de relações interpessoais mais dinâmicas e livres de preconceitos entre alunos - alunos, professores - alunos e funcionários - alunos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. **Literatura Infantil: espaço de desejo, espaço de prazer**. Disponível em: <http://sitemason.vanderbilt.edu/files.pdf >. Acesso em: 20 ago. de 2020.

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 9ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BIANCHETTI, L.& FREIRE, I. M. **Um Olhar Sobre a Diferença**. Porto Alegre, Papirus.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, N. N. **A literatura Infantil: história, teoria, análise.** 3.ed. São Paulo: Quíron, 1984.

. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1981.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.